

MOVIMENTOS SOCIAIS TRANSNACIONAIS SOB UM OLHAR TEXTUAL-DISCURSIVO: ANALISANDO ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO OCCUPY WALL STREET

Thaysa Maria Braide de Moraes CAVALCANTE¹

Resumo: O presente trabalho pretende empreender uma análise da construção identitária do movimento *Occupy Wall Street*, que emerge no cenário internacional em 2011, ocupando o Zuccotti Park, em Manhattan, para, entre outras coisas, externar sua insatisfação com os desmandos dos maiores detentores do capital financeiro. Tomando por base a consideração de que as identidades são construções discursivas relativamente estabilizadas, operadas nas práticas sociais, buscamos, a partir da análise textual, investigar quais estratégias de referenciação mobilizadas pelo movimento contribuem para a construção de uma identidade própria. Utilizamos-nos, para tanto, das discussões presentes na teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe ([1985]2001; 1990) e Laclau (2011), e de algumas discussões operadas em torno da Referenciação (MONDADA & DUBOIS, 2003; KOCH, 2015; CAVALCANTE, 2011). Veremos como a identidade do *Occupy*, que se propõe coletiva, múltipla, se constrói de forma a configurar o que Laclau denomina *significante vazio*.

Palavras-chave: identidade; Occupy Wall Street; significantes vazios.

Abstract: This work intends to undertake an analysis of identity construction of the *Occupy Wall Street* movement, which emerged on the international scene in 2011, occupying Zuccotti Park in Manhattan, for, among other things, express their discontent with the excesses of the largest holders of financial capital. Based on the assumption that identities are discursive constructions relatively stabilized operated in social practices, seek, from the textual analysis, investigate what strategies of referenciation mobilized by the movement contribute to the construction of its own identity. We use, therefore, the discussions presents by the Ernesto Laclau and Chantal Mouffe's ([1985] 2001; 1990) discourse theory, Laclau (2011), and some discussions operated around the Referenciation (MONDADA & DUBOIS, 2003; KOCH, 2015; CAVALCANTE, 2011). We will see how the identity of *Occupy*, which proposes collective, multiple, is built in order to configure what Laclau calls *empty signifiers*.

Key words: identity; Occupy Wall Street; empty signifiers.

Introdução

A análise de fenômenos sociais tem recebido cada vez mais um tratamento discursivo, assim como pesquisas sobre linguagem têm se debruçado sobre as mais diversas práticas sociais, reforçando a ideia de que "a língua é uma parte irreduzível da vida social dialeticamente conectada a outros elementos de vida social, de forma que não se pode

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduada em Letras/Português/Literatura Brasileira e Portuguesa pela mesma universidade. E-mail: thaysambmcavalcante@gmail.com.

considerar a língua sem levar em consideração a vida social” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 5). Não que se considere que tudo seja reduzido a discurso, mas, sim, que é impossível pensar qualquer coisa fora do interior de um conjunto de significados relativamente estabilizados, ou seja, fora do que consideraremos aqui como sendo *discurso*.

Partindo disso, o objetivo deste artigo é empreender uma análise do modo de construção identitária do movimento *Occupy Wall Street* (doravante OWS), a partir da análise do texto da seção *Frequently Asked Questions*, de publicação permanente em um de seus sites oficiais².

O movimento OWS, de natureza rizomática³, emergiu no cenário mundial em 2011, quando milhares de pessoas foram chamadas a ocupar o parque Zuccotti, em Manhattan (EUA), próximo ao coração da capital financeira mundial, em protesto contra a crise financeira e a intervenção do capital na economia. Apesar da pouca atenção midiática, ele obteve grande repercussão, estando presente em torno de 87 países ao redor do mundo, através de protestos que portavam o título *Occupy* – inclusive no Brasil, com o Ocupa Sampa e o Ocupa Rio, entre outros, e o *Occupy Brazil* – e ecoavam o incansável “*We are the 99%*”.

A opacidade de tal enunciado se faz ver ao tentarmos buscar referentes para esse “nós”, os 99% de que fala o movimento, o que nos aponta para a complexidade do processo de referenciação, corroborando a falha em considerar a significação como algo a ser descoberto apenas fazendo referência direta a objetos do mundo, especialmente porque tais objetos estão envolvidos com a palavra que deles fala, de modo que o discurso, e, portanto, os afetos e outras idiosincrasias dos sujeitos que o constroem, são constitutivos deles.

² A saber <http://occupywallstreet.net/learn>.

³ O termo rizomático foi utilizado por Castells, 2013, p. 90 – “revolução rizomática” –, para denominar um tipo de revolução que possui uma formação tal como a de um rizoma, que, em botânica, segundo a Wikipédia, diz respeito ao “tipo de caule que cresce horizontalmente, geralmente subterrâneo, mas podendo também ter porções aéreas” (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rizoma>). Sendo assim, considerar o *Occupy Wall Street* como um movimento rizomático é evidenciar o seu caráter horizontal, sem um núcleo ou raiz bem definida, que toma contornos difíceis de delimitar, e que está interligado em todas as suas partes.

É pensando nisso que, baseado nas discussões presentes na teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe ([1985]2001; 1990) e Laclau (2011), e de algumas discussões operadas em torno da Referenciação (MONDADA & DUBOIS, 2003; KOCH, 2015; CAVALCANTE, 2011), este trabalho analisa as estratégias referenciais utilizadas pelo OWS na construção de uma identidade de grupo. Ao fim da análise, perceberemos que a constituição dessa identidade se dá de forma tão indefinida quanto mais múltipla se apresenta, o que faz com que o OWS assuma a função daquilo que Laclau (2011) denomina *significante vazio*.

1. Discurso, Processos de Referenciação e Construção de Identidades Políticas

Tomo como base de toda a reflexão aqui empreendida a consideração de que os objetos do mundo constituem-se como *objetos de discurso* (MONDADA & DUBOIS, 2003), e, portanto, “toda configuração social é *significativa*” (LACLAU & MOUFFE, 1990, p.100 – grifo dos autores). Assim, é de grande importância que se esclareça o que está sendo aqui considerado como *discurso*, dada a heterogeneidade de significados que ele assume no interior das diversas abordagens linguísticas.

Considero a existência de uma relação dialética entre discurso e sociedade já apresentada no interior da Análise de Discurso Crítica, especialmente em Fairclough (2001; 2003), no sentido de que o discurso, ao mesmo tempo em que é constrangido pela relativa estabilidade da estrutura social, é constitutivo desta, transformando-a no decorrer das práticas sociais. No entanto, de modo mais específico, tomo a definição de discurso advinda da teoria do discurso dos cientistas políticos Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (2001), por considerar que ela se articula melhor às reflexões teórico-metodológicas aqui presentes e aos objetivos a que

me proponho⁴. O discurso é, portanto, considerado como uma *prática articulatória* entre elementos diferenciais que põe em relativa estabilidade um conjunto, ou totalidade⁵, de significados, constituindo um sistema de significação composto por relações de *sobredeterminação*⁶ (LACLAU & MOUFFE, 2001).

Dada a noção de discurso aqui assumida, devo esclarecer, por ser o material de minha análise, que o conceito de texto, neste trabalho, difere de algumas abordagens no interior, especialmente, da Linguística Textual que não fazem distinção entre um e outro. Texto é aqui compreendido como o lugar privilegiado de materialização do discurso, a instância a partir da qual chegamos a este. Não é, como se poderia confundir, um mero produto acabado, mas, simultaneamente, uma unidade de sentido e um evento dinâmico e interativo em que convergem ações linguísticas propriamente ditas, culturais, sociais e cognitivas (BEAUGRANDE, 1997). Assim, é a partir do texto⁷ que chegamos à totalidade de significados que compõem determinado discurso, construindo, por conseguinte, identidades.

A referenciação se apresenta como importante suporte teórico-analítico, à medida que consiste em um processo – sociocognitivo demasiado complexo – de (re)construção de referentes, sua identidade. As recentes discussões teóricas que giram em torno desse fenômeno são

⁴ Uma das principais razões de não se adotar aqui como base teórica a Análise de Discurso Crítica de vertente faircloughiana é uma incompatibilidade epistemológica entre os pressupostos desta, que se ancora no Realismo Crítico de Baskhar, e os da teoria do discurso de Laclau e Mouffe, de base mais socioconstrutivista, embora as duas apresentem vários pontos de contato. Uma reflexão mais detalhada a esse respeito pode ser encontrada em Gomes (2013).

⁵ A totalidade à qual os autores se referem difere da totalidade encontrada no estruturalismo – cerrada em si mesma; fixa –, constituindo-se como uma totalidade sempre aberta, passível de rearticulações e modificações. O que se tem, na verdade, é um efeito de totalidade.

⁶ Termo advindo da psicanálise, a *sobredeterminação* está presente no trabalho do sonho, sendo o efeito de dois mecanismos que neste operam: “o da condensação (que agrupa os diversos fatores como se fossem um só) e o do deslocamento (que pode dar um aparente relevo maior a um fator insignificante, devido a que o fator mais relevante ficou deslocado naquele)” (ZIMERMAN, 2001, p. 392). Para Althusser, a *sobredeterminação* implica um tipo muito especial de fusão que supõe uma pluralidade de sentidos e formas de reenvio simbólico (LACLAU & MOUFFE, 2001, p.97). Para ele, ainda, não há nada no social que não esteja *sobredeterminado*, o que implica dizer que as relações sociais, enquanto simbólicas/*sobredeterminadas*, não possuem uma literalidade última, uma essência.

⁷ E aqui texto se apresenta em uma concepção ampla, multimodal, que pode incluir aspectos tanto verbais como não verbais.

bastante profícuas e casam com a perspectiva discursiva que aqui adotamos por considerarem o referente não como uma entidade que possui uma substância *a priori*, a qual deva ser revelada pela linguagem, mas que só *vai ganhando* substância na mente dos interlocutores ao ser instaurado e (re)elaborado no processo de interlocução⁸ (CAVALCANTE, 2011).

Assim, os referentes vão adquirindo significados *relativamente* estáveis⁹ – embora se admita que os interlocutores não constroem os referentes de maneira exatamente igual, ainda que as pistas co(n)textuais e as expressões referenciais propriamente ditas sejam as mesmas para ambos –, passando a fazer parte do que van Dijk ([1994, 1997] *apud* KOCH, 2015, p. 63) denomina *cognição social*, “o sistema de estratégias e estruturas mentais partilhadas pelos membros de um grupo”, podendo tornar-se hegemônica e influenciar de modo mais efetivo “as construções sociais da realidade, as práticas sociais e, por conseguinte, a (trans)formação das estruturas societais” (VAN DIJK, 2012, p.49).

Conforme Cavalcante (2011, p. 36), há dois modos de se abordar a construção de objetos de discurso no texto. O primeiro deles prioriza a manifestação cotextual das expressões referenciais¹⁰, estruturas linguísticas manifestas que contribuem para a instauração/manutenção/transformação de um referente. Nessa perspectiva (a dos referidos pela autora como “processos atrelados à menção”), os processos referenciais dividem-se em *introdução referencial* e *anáforas*, podendo estas serem diretas (correferenciais) ou indiretas

⁸ É importante que aqui se faça distinção entre a existência e a substancialidade a qual me referi. Concordamos com Cardoso (2003, p.119), ao aduzir que os objetos do mundo, o real, possuem existência independente da linguagem – funcionam, no dizer de Laclau e Mouffe (1990, p.101), enquanto *ens* (objeto de existência). Admitimos, por outro lado, que esses objetos só ganham substância (identidade) em um processo de construção intersubjetiva de significados, ou seja, nas práticas discursivas, por isso, são considerados por Mondada e Dubois (2003).

⁹ Embora saibamos que para a compreensão mútua há uma certa estabilização do sentido, essa estabilização é relativa e precária (Cf. Mondada & Dubois, 2003; Laclau & Mouffe, 2001), sendo a construção referencial um constante trabalho de evolução e transformação de referentes.

¹⁰ Não me deterei muito na explanação das categorias apresentadas, posto que esse não é o foco deste trabalho.

(não correferenciais), incluindo-se, ainda, as anáforas encapsuladoras, conforme quadro abaixo.

Processos referenciais atrelados à menção			
Introdução Referencial	Anáfora (continuidade referencial)		
	Anáforas diretas (Correferenciais)	Anáforas indiretas (Não correferenciais)	
		AI (propriamente ditas)	Anáforas encapsuladoras

Figura 1 – Quadro dos processos referenciais atrelados à menção no cotexto. Fonte: CAVALCANTE, 2011, p. 59.

Há ainda o fenômeno da dêixis, estudado na linguística desde Bühler ([1934]1982), que se define por sua capacidade de criar um vínculo entre o cotexto e a situação enunciativa. É o caso das expressões *aqui, hoje, eu, tu*, as quais mudam de referente conforme a situação em que são empregados. Os estudos mais atuais sobre esse fenômeno mostram que a dêixis pode ocorrer de forma independente dos outros processos mencionados ou sobrepondo-se a eles em termos de função (CAVALCANTE, 2011, p.63).

O segundo modo de abordar a construção de objetos de discurso está mais focado na dimensão sociocognitiva do fenômeno, sem se prender à manifestação das expressões referenciais no cotexto como critério definidor de distinções. Algo muito importante a se acrescentar é que, independente do caminho que se percorra, os elementos do entorno sociocultural e imediato da situação de comunicação devem ser considerados, não sendo possível uma interpretação adequada sem essa inclusão.

Desse modo, “Os elos referenciais vão se entrelaçando nas representações mentais que os falantes vão elaborando no universo do discurso, compondo verdadeiras cadeias anafóricas” (CAVALCANTE, 2011, p.40), cujos elementos articulam-se estabelecendo equivalências¹¹ e

¹¹ Há que se distinguir equivalência de igualdade, pois os elementos equivalentes estão articulados como tais no sentido de que são construídos como contendo um ponto em comum: referir-se (em

diferenças. A construção dessa cadeia não se dá em um aspecto meramente formal, mas principalmente por meio de relações que se podem estabelecer inferencialmente a partir de pistas co(n)textuais. Essa construção de cadeias equivalenciais é, para Laclau e Mouffe (2001), uma estratégia indispensável a todo processo de formação identitária, como é o caso do OWS.

É desse modo que a referenciação colabora para a compreensão da forma como a ordem social e as identidades sociais são (re)categorizadas, e de como essas duas instâncias participam do fluxo da luta hegemônica, na tentativa de superar e transformar as construções de categorias negativamente marcadas, estigmatizadas, inferiorizadas. Por essa razão, considerando, entre outras coisas, a pluralidade de valores e interesses que coexistem no mundo social e o tornam complexo, e o fato de que a ideologia é indissociável das práticas discursivas¹² (VAN DIJK, 2003) é que atentamos para a tensão inerente às relações sociais, aduzindo, assim, que a referenciação, além de pressupor uma negociação intersubjetiva, também pressupõe uma disputa pelos sentidos, um processo de luta para torná-los hegemônicos.

Aqui, o/a leitor/a poderia se perguntar como a construção de uma identidade caracteriza uma luta pelo sentido. Respondo da seguinte forma: à medida que essa mesma identidade constitui-se em uma relação antagônica. Em outras palavras, a emergência desse referente não se dá à toa, mas inserido em um processo de luta entre um *nós* (no caso do meu objeto, os chamados 99% - a população que sofre a dominação capitalista) e um *eles* (o chamado 1% - os donos do capital).

A luta a qual me refiro não se caracteriza apenas como mera oposição, posto que se coloca como condição de possibilidade da existência tanto do *nós* quanto do *eles*. Em outras palavras, no

um sentido mais geral), direta ou indiretamente, ao mesmo objeto de discurso, fazer parte de sua construção.

¹² Discussão, de certa forma, já vista em Bakhtin (1997). Cf. também Zizek (1992), para a discussão sob um viés psicanalítico.

antagonismo temos uma relação entre as identidades *A* e *B*, tal que (i) as duas são mutuamente excludentes, o que quer dizer que busca impedir a outra de se constituir definitivamente enquanto tal; nesse caso, elas não podem compartilhar conteúdos universais comuns, sob pena de negarem a si mesmas; (ii) é justamente porque *A* nega *B* e vice-versa, que elas podem constituir-se enquanto tais, ou seja, uma é também, e paradoxalmente, condição de possibilidade da outra. Nessa relação é que os referentes buscarão constituir-se conforme o quadrado ideológico de van Dijk (2003) aponta: ressaltando os aspectos positivos do *nós* e os aspectos negativos do *eles*, e reduzindo os aspectos negativos do *nós*, e os aspectos positivos do *eles*.

A construção das duas identidades ocorre de modo a compor as referidas cadeias de equivalência, as quais são o resultado, contingente e precário, da articulação entre elementos no interior de uma formação discursiva. Dessa forma, são as conexões entre uma e outra anáfora (especialmente nos casos de anáfora indireta), entre uma e outra expressão predicativa¹³, uma e outra recategorização que colocam elementos em equivalência. Essas equivalências são articuladas em torno da criação de um elemento supostamente comum a todos os elementos diferenciais que a compõem – o que Laclau e Mouffe chamam *ponto nodal*.

Numa sociedade primitiva, temos uma lógica de separação mais simples entre dominantes e dominados. Numa mais complexa, por outro lado, esses grupos ganham conteúdos os mais diversos, ou seja, as diferenças se expandem e, ao mesmo tempo, “se anulam na medida em que são usadas para expressar algo idêntico que subjaz a todas elas¹⁴” (LACLAU & MOUFFE, 2001, p.127), o ponto em comum entre as diferenças que separam o *nós* do *eles*. É o que faz o OWS. Apesar da multiplicidade de diferenças já articuladas existentes no movimento (movimento LGBTT, feministas, cidadãos comuns, negros, etc.), uma delas é hegemônica (a

¹³ Que embora não seja por muitos considerada expressão referencial propriamente dita, colaboram consideravelmente para a construção de referentes.

¹⁴ No original: “the differences cancel one other out insofar as they are used to express something identical underlying them all”. Tradução de minha autoria.

condição de afetados pelo capitalismo, ou seja, a dimensão econômica é sobredeterminada às outras), e tenta manter todas as outras diferenças em torno dessa diferença supostamente comum, o ponto nodal que garantirá (provisoriamente) a unidade do grupo e, ao mesmo tempo, a diferenciação com relação ao seu outro. Essa unidade é estabelecida por algo negativo, partilhado por todas as diferenças, que é a sua oposição a um inimigo comum.

A desigualdade entre posições de sujeito presente no social torna possível que uma diferença seja hegemônica no interior de um determinado grupo, posto que nem toda posição social é "igualmente capaz de transformar seus conteúdos próprios num ponto nodal que possa se tornar um *significante vazio*" (LACLAU, 2011, p.76 - itálico acrescido). Quando uma diferença se apresenta como realizadora de demandas mais extensas, ou seja, quando ela consegue expandir a cadeia de equivalência a um determinado ponto, há grandes chances de que essa particularidade passe a ser o significante de uma completude, encarnando, em momentos particulares, uma luta universal – transformação da sociedade, emancipação, etc. Essa operação é o que aqui temos chamado *hegemonia*. É na luta hegemônica, nessa busca por uma positividade, uma totalidade fechada, que universalidade e particularidade constituem-se mutuamente, fazendo com que uma classe/grupo torne-se uma hegemonia à medida que logra êxito em sua tentativa de se apresentar como realizadora/realizador de objetivos mais extensos. Devemos atinar aqui para o fato de que uma total equivalência entre as diferenças, sonho do projeto totalitário, é algo impossível, dada a tensão inerente à pluralidade do social com seus valores e interesses por vezes antagônicos. A hegemonia não absorve todas as lutas, ela precisa traçar limites (excluir diferenças) para construir um sistema de significação; no entanto, deve buscar estender ao máximo a cadeia equivalencial que a compõe, e identificá-la com o projeto de mudança, e isso se mostra possível graças à presença de *significantes vazios*, que são, no sentido estrito do termo, significantes sem significado, o que parece quase impossível de ser

pensado. No entanto, o significante vazio existe, mas apenas como subversão do signo. Ele é um significante do puro cancelamento das diferenças, em que estas são anuladas e se dissolvem em cadeias equivalenciais. Podemos citar como exemplo o significante *democracia liberal* (PINTO, 1999). Esta se constitui a partir de uma série de equivalências: *liberdade de expressão, igualdade perante a lei, eleições de governantes*. Após a década de 60, esse conteúdo se expande, ou seja, novas diferenças são articuladas – *direitos das minorias, voto universal, participação popular na política, direitos sociais*, etc. O significante vai cada vez mais perdendo sua ligação a um significado particular, instaurando-se como um significante vazio.

2. Procedimentos Metodológicos

2.1 DO CORPUS DA PESQUISA

O texto da análise compõe a seção *Frequently Asked Question*, publicação permanente em um dos sites do movimento, conforme fora dito. Trata-se de um texto de perguntas e respostas, semelhante a uma entrevista. As perguntas são bastante específicas, cujas respostas visam a esclarecer o que é o OWS, quem faz parte dele, o que quer, etc.

A escolha desse texto justifica-se pelo fato de ser um dos textos de apresentação do movimento, quando de seu início, e apresentar maior riqueza de dados para a análise.

2.2 DOS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Inicialmente, foi feito o levantamento e catalogação do *corpus* para dar início a uma análise mais superficial, a fim de verificar quais textos apresentavam uma maior saliência de dados. Em seguida, foi selecionado o texto que comporia este trabalho, o qual foi analisado obedecendo os seguintes passos:

1. Identificação da expressão introdutora de referente (no sentido de que aparece mencionado pela primeira vez naquela porção textual) e análise das formas de remissão textual anafóricas e dêiticas mais explícitas em relação ao referente [OCCUPY WALL STREET];

2. Análise das expressões predicativas, verbos e outras expressões que se refiram ao referente em questão, auxiliando na sua construção;

3. Composição das equivalências de valores e características [(re)categorizações] pertencentes ao referente em questão, formando uma primeira cadeia equivalencial;

3. Identificação de outros referentes que também colaboram para a construção do [OCCUPY WALL STREET] – inclusive seu corte antagônico, ou o [1%] –, bem como as expressões referenciais que os (re)categorizam;

4. Entrecruzamento de equivalências (especialmente por meio de anáfora indireta) entre os referentes investigados acima para compor a cadeia equivalencial que confere identidade ao OWS;

5. Discussão dos resultados.

Obviamente, o percurso de análise não se dá de forma compartimentada e independente. O passo a passo metodológico é, antes, um norteador/organizador dos procedimentos analíticos, do que um instrumento que engessa o analista e limita a análise. A análise/interpretação traça um percurso rizomático cheio de operações cognitivas e entrecruzamentos dos dados com conteúdos presentes na memória discursiva.

Abaixo, veremos o resultado desse percurso aplicado a um dos textos que compõem o corpus.

3. Analisando estratégias de referenciação na seção *Frequently Asked Questions*

Nesse texto, que simula uma entrevista, o lugar supostamente ocupado pelo entrevistado oscila entre um observador que fala de fora do movimento, definindo-o de modo a criar um efeito de objetividade, e um participante que fala de dentro, como quem demonstra ter conhecimento de causa por fazer parte, agir junto. Isso é importante para criar o efeito de credibilidade ao movimento e legitimá-lo.

O referente é mencionado pela primeira vez no cotexto como *Occupy Wall Street* já na pergunta. Em alguns momentos, ele aparece anaforicamente do mesmo modo, indicando certo distanciamento do enunciador com relação àquilo de que fala. Em outros momentos, vemos surgir a forma pronominal *nós*, que, por inferência, relacionamos ao referente indicado. Trata-se, neste caso, de um dêitico com função anafórica, por meio de anáfora indireta, posto que o *nós* possui dependência interpretativa em relação a algumas expressões precedentes no cotexto (como *Occupy Wall Street*), introduzindo um novo referente e mantendo a continuidade referencial global (MARCUSCHI, 2005), nos direcionando à crença de que o grupo ao qual corresponde esse *nós* é o próprio OWS, e fazendo o enunciador assumir o ponto de referência da enunciação, ou o centro dêitico.

O *Occupy...* aparece ainda sob a forma *#OWS*, que sugere, pelo acréscimo da *hashtag* (#), uma ênfase no caráter virtual do movimento, em sua existência também nos domínios do ciberespaço, constituindo também uma indicação para o leitor da forma como ele pode buscar informações sobre o movimento – esta é justamente a função da *hashtag*, indexar um tópico ou assunto para que sua busca fique mais acessível a outros.

Uma forma interessante sob a qual são referenciados o *Occupy...* e seu corte antagônico são as expressões o *1%* e àqueles como os *99%* - e aqui percebemos mais explicitamente o modo de constituição do nosso objeto de discurso, que se dá na relação de antagonismo com tudo o que se identifica ao capitalismo. Obviamente, esses não são números que

representem dados concretos da distribuição de renda nos Estados Unidos e em outras localidades, mas, ao serem utilizados, parecem acentuar a desigualdade existente, criando o efeito de maioria, de certa universalidade com relação a esses 99%, e de particularidade para o 1%, visto que estes buscam apenas, na perspectiva do movimento, seus próprios interesses, suas demandas particulares, enquanto que aquele buscaria lutar por demandas universais, do interesse de uma coletividade.

As expressões predicativas, não consideradas referenciais por abordagens mais tradicionais, são aqui de grande importância, visto que são elas uma das principais responsáveis por estabelecer a equivalência entre os elementos da cadeia. Assim, temos as expressões elencadas a seguir:

- (1) parte de um movimento internacional de pessoas
- (2) um movimento do povo
- (3) sem líderes e sem partidos

Podemos aqui perceber uma constante identificação do movimento com a categoria – indefinida, vaga – de pessoas/povo. Interessante observar que *o povo*, ao mesmo tempo em que aparece em uma expressão anafórica indefinida, é instaurado como novo referente articulado ao *Occupy*, a ponto de podermos afirmar que qualquer recategorização sofrida, ao longo do texto, por aquele, provoca modificações no modo de construção deste.

Ademais podemos aduzir que o movimento é identificado com uma forma de organização horizontal (sem líderes), buscando fugir de uma organização partidária (sem partidos), pois que este elemento, assim como a hierarquia, são parte do grupo a que o OWS se opõe, são articulados à cadeia de equivalência deste, conforme podemos ir percebendo ao longo do texto. Isso fica ainda mais claro quando falamos das expressões predicativas que se dão sob a forma da negação, como é o caso abaixo:

- (4) (não) um negócio, um partido político, uma campanha publicitária ou uma marca
- (5) (não) apenas um movimento de protesto
- (6) nunca vai ser afiliado a qualquer partido político estabelecido, candidato ou organização

Mais uma vez percebemos de modo mais saliente a relação antagônica presente na construção do OWS: além de ser um modo de dizer o que se é, a negação exclui elementos da cadeia equivalencial, tornando-os equivalentes na constituição do outro. Conforme vemos no texto, são apresentados apenas dois lados: o dos que lutam “por justiça econômica face à criminalidade desenfreada em Wall Street e a um governo controlado por interesses monetários” e o lado de Wall Street e do governo que cede as suas pressões. Isso ocorre pela tentativa do OWS de se constituir como movimento universal, capaz de abrigar todas as outras lutas sociais pela ideia de que uma luta anticapitalista é também uma luta de todos (que se sentem prejudicados pelo capitalismo).

O fato de o movimento aparecer como não sendo apenas para protestar, pode nos fazer enxergá-lo como um movimento bastante ativo, que realmente busca fazer algo para transformar a realidade da sociedade. Podemos perceber isso também através dos verbos utilizados quando há anáforas diretas que ocorrem por elipse: agimos, combatemos, lutamos.

Há uma recategorização metafórica muito importante no texto operada pela expressão *baixo*, em “Nós temos uma obrigação, particularmente se afirmamos o amor à democracia, a construção de uma mudança séria e significativa de baixo para cima.”. Aqui, o movimento é referenciado como advindo estritamente da população menos favorecida, um movimento *do povo, com o povo e para o povo*. O que, mais um vez, parece reforçar a identificação do movimento com os interesses da população em geral. Nesse trecho, ainda, percebemos a vinculação estabelecida com os valores democráticos, tipos como valores positivos,

em contraposição ao domínio *opressor* do capital, a que a população é submetida, e contra quem se coloca, pois que pretende *tirar o governo das mãos da elite, dos donos do capital*, que seria o 1% (e uma inferência como essa só se torna possível se atinarmos à distribuição desigual de renda nos EUA).

Ao construir equivalências entre diversos elementos, os quais compõem, entre outras coisas, os valores do grupo; entre categorias genéricas, como a categoria *povo*; além de ser retomado como *grupo, movimento, nós* e *pessoas*, as quais dão ideia de grupo de forma indeterminada, o significante *Occupy* vai se construindo por meio da expansão e indeterminação de sua cadeia de equivalência. Em outras palavras, a cadeia anafórica que mantém e faz progredir o referente *Occupy* (os 99%) e seu corte antagônico (o 1%), constroem aquele como um significante vazio, capaz de articular em torno de si qualquer diferença que esteja em relação de oposição a este. Isso não se dá *a priori*: o ponto em comum entre os elementos diferenciais que compõem o *Occupy* e seu outro não são pré-existentes ao discurso. Cada elemento, que já é discursivamente investido de sentido, entra em outro discurso, é colocado em relação de equivalência com outros elementos no processo mesmo de construção da identidade de grupo.

É importante ressaltar que se os limites da cadeia de equivalência que compõe a identidade política do movimento são parte também da construção identitária de seu oponente, qualquer modificação na articulação da cadeia equivalencial de um produz efeitos na do outro¹⁵. Além disso, reitero o fato de que essa cadeia não é só uma soma de elementos que foram justapostos no processo de construção; eles são interdependentes, e a depender do modo como são *costurados* na trama discursiva/textual do movimento, contribuem para a construção de uma ou outra forma, enfatizando um ou outro aspecto.

¹⁵ Lembro que a identidade do corte antagônico a que se está referindo aqui é uma construção empreendida no texto, e pelo movimento, portanto, uma construção a partir de um determinado ponto de vista, e ambas passam pelo crivo interpretativo da analista.

Conclusão

No presente artigo, persegui o objetivo de analisar de que forma o movimento OWS construiu em seu texto uma cadeia de equivalências que culminou em uma formação identitária. Parti da afirmação de que os objetos do mundo se constituem como objetos de discurso, à medida que se considera a realidade como sendo discursiva e intersubjetivamente construída. Vimos ainda, com base, principalmente, na teoria de Laclau e Mouffe, como se dá a lógica de construção de identidades políticas e de significantes vazios, a busca das identidades para estabelecer certa fixidez e alcançar o status hegemônico na luta social, e como isso se dá via processos de referenciação, discussão que se mostrou bastante profícua na tarefa de fornecer um aparato de análise textual que nos permitisse transcender o próprio texto enquanto materialidade linguística e perceber sua relação profunda com o domínio sociodiscursivo. Assim, espero que este estudo possa contribuir para sublinhar o papel da linguagem no processo de construção e instauração de realidades.

Referências

- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 8ª Ed. São Paulo: Editora Hucitech, 1997.
- BEAUGRANDE, R. DE. *New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of Access to Knowledge and Society*. Norwood, N.J.: Ablex, 1997.
- BÜHLER, Karl. (1934). The deictic field of language and deictic words. In: R. J. JARVELLA e W. KLEIN (eds.) *Speech, place and action: studies in deixis and related topics*. New York: John Wiley and Sons, 1982, 9-30.
- CARDOSO, Sílvia H. B. *A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão de discursos*. Campinas: Autores Associados, 2003.
- CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CAVALCANTE, M. M. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001.
- _____. *Analysing Discourse. Textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- GOMES, E. P. M. *A constatação da corrupção enquanto performatização de um discurso: uma análise de reportagens de veja em casos de corrupção política*. 2013. 172 f.

Dissertação (Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

KOCH, Ingedore V. Referenciação. In: *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Contexto, 2015.

LACLAU, E.; MOUFFE, C. *Hegemony and Socialist Strategy: Towards a Radical Democratic Politics*. London: Verso, 2001.

_____. Post-Marxism without apologies? In: LACLAU, Ernesto. *New reflections on the revolution of our time*. London: Verso, 1990.

LACLAU, E. *Emancipação e Diferença*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. *Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação*. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA e SILVA, A. (Org.). Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

PINTO, C. R. J. *Democracia como significante vazio: a propósito das teses de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe*. Sociologias, Porto Alegre, ano 1. n. 2, jul/dez, p. 68-99. 1999.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. *Ideologia y discurs: uma introducción multidisciplinaria*. Madri: Ariel Linguística, 2003.

ZIMERMAN, David E. *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ZIZEK, S. *Eles não sabem o que fazem*. O sublime objeto da ideologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

ANEXO

Frequently Asked Questions

What is Occupy Wall Street?

Occupy Wall Street is part of an international people's movement fighting for economic justice in the face of rampant criminality on Wall Street and a government controlled by monied interests. #OWS is the 99% trying to wrestle control of its government out the hands of the 1%.

Occupy Wall Street is a people's movement. It is leaderless and party-less by design. It is not a business, a political party, an advertising campaign or a brand. It is not for sale.

What are you protesting?

We are opposing all forms of injustice and oppression, especially those stemming from Wall Street's crimes and abuse of control. Economic exploitation and injustice has many faces, therefore we tackle many issues.

Yet, we are not merely a protest movement. We communicate not just outrage, but a full-on call to action. Get your city to transfer its money out of corrupting banks. Sing at the auctioneer until they cancel the illegal foreclosures. Join groups writing letters to the SEC exposing the Corporations' lies they use to beg for mercy for their crimes. Teach shareholders the power of shareholder activism.

Don't just protest. Take action. Direct action.

How long will this go on?

We will keep taking action so long as injustice, exploitation, and repression flourish. We will keep taking organizing until broad swaths of the people realize that it is only we, the 99%-ers, can reclaim society from the domination of the 1%.

Freedom is never a spectator sport. We have an obligation, particularly if we claim to love democracy, to build serious and meaningful change from the bottom up.

What are your goals and demands?

We do not have one or two simple demands, though many demand them of us. Why?

Because we believe that making demands of a corrupt system makes our success contingent on the will of others. It legitimizes the corrupted, it disempowers us.

Our actions are our demands.

What is your demand? What are you doing about it?

Who are your leaders?

Occupy Wall Street is structured on anarchist organizing principles. This means there are no formal leaders and no formal hierarchy. Rather, the movement is full of people who lead by example. We are leader-full, and this makes us strong.

Instead of picking leaders, which you would then have to follow, leaders emerge organically. These people become leaders because others choose to follow them. At anytime you can choose to follow someone else. You can follow more than one person. If people like your ideas, they may choose to follow you. Anyone can become a leader.

What's the difference between Occupy Wall Street (OWS) and the occupiers in other cities?

Occupy Wall Street is the occupation near Wall Street in New York City. There are other occupations around New York City including Occupy Brooklyn, Occupy Queens, Occupy Staten Island, and Take Back the Bronx. All occupations are autonomous. The media often refers to other occupations as Occupy Wall Street because Wall Street companies are at the heart of the of the many injustices that ties the movements together.

Where did you go over the winter?

Occupy Wall Street continued to organize all winter. We met in public spaces all over New York City, continued to have assemblies, and had actions almost every week. Many occupations in other cities continued through the winter including encampments in Anchorage, Iowa City, Atlanta, Madison, New Haven, Chattanooga, Cleveland, Little Rock, Lincoln, Houston, Louisville, Memphis, Rochester and Toronto. If you thought we had gone away, you may want to consider switching to a different newspaper.

What have you accomplished so far?

Lots. Besides getting the entire world to talk about economic injustice, we have inspired towns and cities across the country to move their money out of the predatory banks like Chase, Bank of America, Citigroup, HSBC, Wells Fargo and others. We have kept people from being thrown out of their homes through auction blockades and eviction defense. We have inspired shareholder activism. We have brought street protest back to life. We have exposed the corruption of governments who have been bought out by the 1%. We have brought people together across political, racial, and class divides to build a better future. And we're just beginning.

All these are steps on the way to the broader, deeper systemic change we aim for. We're just beginning.

What side on you on politically? Are you democrat, republican, communist, socialist, liberal, conservative, anarchist, libertarian; what?

Occupy Wall Street is not and never has been affiliated with any established political party, candidate or organization. Our only affiliation is with the people.

We find strength in our diverse political perspectives as we work together to build a better world. We reject politics that divides people against one another based on their beliefs. We value true participatory democracy.

We hope that this exercise in participatory democracy will bred mutual respect, interdependence and understanding among the 99%, and help shed today's political climate of divisiveness, disrespect, mistrust, and marginalization.

How do I get involved?

First, you should know that you don't need anyone's permission to be a part of Occupy. You don't even need to be in New York to be involved with OWS. If you are committed to justice, equality, and liberation for all people (see our principles for reference) and you have an idea for an Occupy action or group you are empowered to start it. If you want to plug into existing Occupy networks check out occupytogether.org and interoccupy.org.

How do I find out what's happening in my community?

Search for your town or city's name plus the word "occupy." You can also check directory.occupy.net.

Will I get arrested if I come to Occupy actions?

During marches and actions, it is unlikely that you will get arrested unless you are prepared to. If you are unwilling to be arrested, or feel you cannot because you are not a U.S. citizen, or are a minor, there are ways to protect yourself from arrest, the most important being: remaining non-violent. Check here for [legal information](#) and advice on these topics.